

Perseguindo sombras

Por M.^a Angélica Melendi

Plínio atribui a Dibutade, uma jovem de Corinto, a invenção do desenho. Ante a iminente viagem do namorado, Dibutade contorna no muro, com uma vareta de carvão, a sombra do amado. Antecipando à futura nostalgia, prevendo o inevitável esquecimento, a jovem inaugura, nessa escrita das sombras, o ato de desenhar.

Tateando incerta, a vareta de carvão de Dibutade cartografa os limites da luz, delimita as fronteiras de uma sombra que, ainda não separada da coisa da qual faz parte, aparece como uma lembrança simultânea. Inscrição de uma ausência, a imagem representativa, um traço a contornar as sombras, proliferou.

Bruno Vieira também desenha sombras. Pacientemente contorna com fita amarela as sombras que os objetos urbanos — postes, hidrantes, casas, prédios—projetam sobre o chão. Em princípio, não há urgência nesse traço. Nem os postes, nem os hidrantes, nem as casas, nem os prédios parecem estar a ponto de desaparecer. Mesmo assim, o artista contorna a sua sombra; uma sombra que vai se deslocando, encurtando ou alongando até desaparecer com os últimos raios de luz. Numa espécie de ato fotográfico - Bruno Vieira detém o instante, o congela naquele breve espaço de tempo em que, com sua fita adesiva, delinea a sombra.

Sobre o chão da cidade restam os desenhos amarelos. Um dia desaparecerão, arrancados pelos transeuntes, o descolados pelas chuvas do verão. Um dia, talvez, em algum lugar da cidade, sombra e desenho coincidirão por um segundo apenas. E ninguém terá percebido.

Texto inserido no catalogo do Projéteis da Arte Contemporânea FUNARTE, Rio de Janeiro, RJ; 2005